

INTERCÂMBIO GENÉTICO *Convênio com a Funai facilitará ainda acesso das comunidades indígenas a sementes nativas*

Embrapa vai pagar royalties para índios

Juca Varela/Folha Imagem

JOSÉ ALBERTO GONÇALVES
da Reportagem Local

As comunidades indígenas vão receber royalties pela comercialização de material genético de plantas e animais de suas áreas.

Na quinta-feira passada, a Embrapa e a Funai assinaram um convênio que vai permitir o uso do conhecimento indígena em pesquisas sobre plantas e animais.

O convênio prevê a necessidade de aprovação da pesquisa pelos índios, que serão remunerados pela Embrapa, caso o material genético ou os produtos dele originados sejam comercializados.

Para retribuir os índios, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) também está colocando à disposição deles seu banco de germoplasma, com centenas de variedades nativas, coletadas em territórios indígenas.

Antes da assinatura do convênio, índios krahòs, de Tocantins, e xavantes, do Mato Grosso, receberam da Embrapa sementes de cinco variedades nativas de milho tiradas de suas aldeias há 20 anos.

As variedades nativas são espécies selvagens domesticadas pelos indígenas nos últimos séculos.

Segundo Edna Costa Manso, chefe-técnica adjunta do Cernagen (centro de recursos genéticos da Embrapa), o convênio vai facilitar as pesquisas em áreas indígenas.

"A biodiversidade presente nas aldeias é o grande capital do futuro", afirma Fernando Schiavini,

indigenista da Funai (Fundação Nacional do Índio).

Schiavini desenvolve desde 95 junto com os índios krahòs um projeto de recuperação de variedades nativas de amendoim, mandioca, milho e abóbora.

"O objetivo do projeto é recuperar culturas que tinham sido abandonadas, a fim de diversificar a produção e melhorar a alimentação nas aldeias", explica.

O indigenista diz que a interferência do governo na agricultura dos krahòs tem sido desastrosa.

A Funai fornecia sementes de arroz de baixa qualidade e de milho híbrido, não adequadas ao tipo de solo e ao clima da área krahò.

O milho híbrido, por exemplo, é mais duro, pois se destina principalmente à produção de ração.

Já o milho nativo, que era plantado pelos índios no passado, é menos produtivo, mas propício à alimentação humana.

Além disso, o grão nativo pode ser multiplicado como semente nas próprias aldeias, ao contrário do híbrido, que precisa ser comprado anualmente.

"Os índios passavam fome, pois o arroz produzido não supria suas necessidades nutricionais e muitas vezes eles deixaram de receber sementes de milho da Funai."

Por meio do projeto, Schiavini e os índios krahòs passaram a buscar nos bancos de germoplasma da Embrapa variedades nativas de abóbora, amendoim, mandioca e milho.



Índios krahòs recebem da Embrapa, em Brasília, sementes de milho nativo de suas aldeias que estavam no banco de germoplasma do Cernagen